

DISCURSOS DE LEGITIMAÇÃO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

José Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)

rochageraldo@hotmail.com

Rosane Cristina de Oliveira (UNIGRANRIO)

rosanecrj@hotmail.com

RESUMO

É notório na sociedade brasileira a constatação da utilização de discursos que legitimam as práticas de intolerâncias, entre as quais a religiosa tem assumido um lugar preocupante nas relações sociais, uma vez que determinadas palavras representam um dos instrumentos que inflamam atos de violência, sejam simbólicas ou não. Neste sentido, a proposta do presente trabalho é explicitar como tais discursos incitam e atentam contra os direitos fundamentais em um estado democrático de direito. O trabalho se divide em duas partes: a primeira se destina à apresentação das discussões teóricas sobre discurso e análise de discurso e, em seguida, na segunda parte, apresentam-se os termos discursivos mais usuais e, portanto, “naturalizados” e proferidos na sociedade, incitando a intolerância religiosa. Neste percurso, chamaremos a atenção para os termos recolhidos em pesquisa sobre intolerância religiosa. Destacamos que a abordagem está destinada aos discursos de intolerância em relação às religiões de matrizes africanas.

Palavras-chaves: Intolerância religiosa. Análise de discurso. Matrizes africanas.

1. Introdução

Nas últimas décadas, os discursos de ódio e intolerância, especialmente os que estão direcionados à questão religiosa, assumiram um papel significativo na sociedade. No bojo das relações sociais, o aumento dos discursos de incitação de intolerância em relação às religiões de matrizes africanas, sem dúvida, são os que aparecem com maior evidência. Neste sentido, apresentamos, neste breve artigo, a análise de discursos proferidos por membros de matrizes africanas, que vivenciaram situações de intolerância, evidenciam a importância e urgência em chamar a atenção para pensarmos os direitos fundamentais em um estado de direito. Ressaltamos que os trechos dos discursos que estão neste artigo, foram retirados de entrevistas realizadas no ato de execução de uma pesquisa sobre intolerância religiosa realizada na Baixada Fluminense, no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, da Unigranrio.

Do ponto de vista teórico, o embasamento do nosso artigo está nos estudos de Orlandi [s/d.], cuja abordagem alicerça-se na análise do discurso enquanto elemento das relações sociais e, por conseguinte, é um fato social. E, desta forma, exterioriza-se ideologicamente, politicamente e socialmente. Outros autores, quais sejam, Michel Pêcheux (1975) e Fiorin (2002), são importantes para o nosso trabalho, pois de acordo com Pêcheux, também compreende as palavras e expressões na condição de elemento que expressam ideologia e Fiorin aloca sua abordagem no fato de que o principal foco do discurso é fazer com que o receptor acredite e passe adiante a mensagem que está sendo proferida. Em relação à violência que norteia o discurso de intolerância, a questão da violência simbólica, baseada nas discussões de Pierre Bourdieu (2007), são elucidativas ao propor que a violência simbólica se dá a partir do poder que as palavras assumem diante do fato de que são legitimadas em relação ao poder de quem as pronuncia. E, no caso de lideranças religiosas, este poder está exatamente na forma que expressam as palavras e determinam, doutrinariamente, a conduta moral daqueles que fazem parte de determinado espaço religioso. E, por fim, Michel Foucault (1996), também optamos por observar suas proposições ao afirmar que a produção dos discursos é inerente àqueles que os proferem.

Em seguida, apresentamos no nosso artigo, trechos dos discursos extraídos da pesquisa citada anteriormente, com o intuito de demonstrar o quanto as palavras que incitam a intolerância religiosa estão no bojo das relações sociais. Medo, tristeza, revolta e mágoa são os sentimentos que mais ressaltam aos “olhos” quando os entrevistados expõem em suas narrativas a problemática que enfrentam cotidianamente.

2. *Discurso e análise de discurso: questões conceituais*

Os últimos anos intensificaram-se os discursos em torno da questão religiosa, especialmente àqueles interpretados na condição de legitimação da intolerância religiosa. Por este motivo, a proposta deste artigo é discutir os discursos que afirmam ou incitam a intolerância religiosa, tendo em vista que, segundo Orlandi (s/d, p. 3),

Situando-se nesse lugar em que é pensada a partir de espaços relacionais entre disciplinas, a análise de discurso se pratica pelo deslocamento de regiões teóricas e se faz entre terrenos firmados pela prática positivista da ciência (a linguística e as ciências sociais). Ela produz uma desterritorialização e, nesse movimento, põe em estado de questão o sujeito do conhecimento e seu campo, seu objeto e seu método, face à teoria que produz. E esta sua característica tem

um custo epistemológico altíssimo. [...] A análise de discurso que pratico leva a sério a afirmação de Saussure de que a língua é fato social. Pensamos a língua como fato e significamos o que é social, ligando a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente.

Neste sentido, o discurso observado na condição de elemento das relações sociais (portanto, considerado um fato social) traduz-se em um fenômeno social pois exterioriza tanto ideologicamente, quanto social e politicamente, o modo de pensar e agir de determinados grupos sociais em relação a outros, através dos discursos que propagam. O sentido de uma palavra, expressões e demais formas de externar o pensamento não nasce com indivíduo, mas sim, no bojo de ideologias formuladas ao longo de um processo sócio-histórico de produção de tais palavras e expressões. Esta apreensão da análise do discurso tendo a ideologia como matriz do discurso foi enfatizada por Michel Pêcheux (1975, p. 160), pois

as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas.

Para Fiorin (2002), o foco do discurso é fazer com que o outro acredite e informe acerca da mensagem que está sendo dada. Assim, o processo de comunicação perpassa pelos interesses e a manipulação com o intuito de aquele que transmite a mensagem, independente de outros elementos, acredite no que está sendo comunicado. Provavelmente, em se tratando de discursos advindos de elementos religiosos, os discursos proferidos por líderes religiosos, por exemplo, podem induzir os seus membros na reprodução de discursos para além de práticas doutrinárias, ou seja, na reprodução de concepções de ódio e intolerância, conforme poderemos observar na segunda parte deste artigo.

A violência simbólica também configura um marco teórico importante neste trabalho. Para Bourdieu (2007, p. 14-15) “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. O poder no ato de produção palavras é àquele enunciado por um sujeito,

uma determinada situação cujos indivíduos envolvidos retroalimentam a crença no que está sendo proferido (em espaços religiosos, por exemplo), e, também, na afirmação de que no espaço da dominação aquele que possui poder institucionalizado pode e deve exercer poder sobre os demais. Assim, a violência, imperceptível entre os que estão envolvidos, naturaliza-se. (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2015, p. 48)

Neste aspecto, ao atrelarmos os discursos proferidos em relação a uma determinada questão ideológica, cultural ou política, podemos observar alguns elementos fundamentais para a compreensão do processo discursivo de legitimação da intolerância religiosa.

A produção dos discursos, tendo como canal norteador, conforme enfatizou Michel Foucault (1996, p. 30-31) “as condições impostas a um sujeito qualquer para que ele possa se introduzir, funcionar, servir de nó na rede sistemática do que nos rodeia”, nos leva a refletir no fato de que não há um sujeito que produz determinado discurso, pois estes adentram na análise do discurso “por portas por assim dizer laterais, no interior de um sistema, que não somente se conserva desde um certo tempo, com sua sistematicidade própria e num certo sentido independente da consciência dos homens” (FOUCAULT, 1996, p. 30). Partindo desta perspectiva, os discursos teriam existência independente do sujeito que o profere, sendo, portanto, um ato de reprodução social de algo que está inscrito historicamente. Se seguirmos pela proposta de Foucault, é possível compreender o porquê da utilização de determinada palavra, expressão, ou seja, práticas discursivas que historicamente estavam no bojo das relações sociais e, portanto, na atualidade, são proferidos por determinado grupo em detrimento de outro.

3. *Discursos de legitimação da intolerância religiosa*

A palavra tem força! No universo religioso existem concepções religiosas que atestam tal afirmação. Segundo o mito da criação narrado pelo cristianismo, pode se encontrar a afirmação: “faça-se a luz, e a luz foi feita”. Ou ainda, “no princípio era o Verbo”. Em muitas outras circunstâncias a palavra aparece como fundamental. “Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão”; “não se preocupe, eu colocarei as palavras em tua boca”; “e o Senhor diz, tua fé te salvou”.

Poderíamos seguir enumerando aqui várias outras situações, onde a palavra aparece denotando força de concretização, força de realização. E, ainda, nota-se que tais expressões estão nos escritos religiosos (especialmente em documentos históricos como a Bíblia e afins), e, portanto, ao serem manuseados saltam palavras e expressões amplamente utilizadas por determinados grupos religiosos, conforme análise sugerido em relação aos discursos, proposto por Michel Foucault (1996).

Chama-nos a atenção o modo como os discursos no campo religi-

oso têm tomado uma conotação de intolerância religiosa e aviltamento da dignidade e do direito de grupos sociais e culturais. Ora proclamado, ora escrito, seguem espalhado discórdia, violentando pessoas e negando direitos. Tornou-se notório e de certo modo, naturalizado observarmos e ouvirmos expressões do tipo “ só Jesus salva”; “tá amarrado”; “repreende senhor” “ Xó satanás”; “tá possuído”.

Na pesquisa sobre intolerância religiosa realizada na Baixada Fluminense, no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, da Unigranrio, algumas narrativas de pessoas pertencentes ao universo das matrizes africanas evidenciam como esses termos carregados de pejoratividade são impostos aos indivíduos que professam a religião dos orixás. Em nosso artigo, os colaboradores aparecerão com um codinome em função de sua preservação. Eles sedrão denominados de C e acrescido de um número. (C1, C2...)

A Baixada Fluminense traz as marcas da africanidade na sua própria composição populacional. Esses traços de africanidades quando expressos em sua dimensão religiosa deparam com práticas e discursos de serceamento dos direitos, das legitimidades e do respeito.

Viver experiências de discriminação, ouvir afrontas em função da sua pertença religiosa, para os praticantes das religiões de matrizes africanas tornou-se algo rotineiro. C1, 36 anos de idade, nasceu no Candomblé, Terreiro Jardim Olavo Bilac em duque de Caxias, Rio de Janeiro. Não foram uma ou duas vezes que tais infortúnios o importunaram. Assim expressa ele:

Por várias vezes fui discriminado pela minha religião, em todas às vezes me senti muito mal, o que não é de se estranhar, quando se é violentado na sua fé. (...) Fui agredido na minha rua por uma pessoa evangélica que discriminou uma filha de santo minha, quando ela estava de resguardo(...) ele me disse palavras grosseiras e disse que nós fazíamos culto ao demônio, que Jesus ia salvar somente a ele e que eu ia para o inferno. Sinto-me severamente ultrajado, porque esse senhor me humilhou, humilhou o meu povo, se desfez dos meus Orixás; disse que era religião de preto (...) eles incentivam a discriminação e até mesmo a agressão.

Ter e professar uma religião diferente tornou-se motivo para sofrer discriminação e agressão. Segundo C1 nos xingamentos são usadas palavras grosseiras cuja intenção é ofender e ridicularizar a fé do outro e todos os seus significados. Impingir um rótulo, um estigma é um modo de humilhar e ultrajar a dignidade religiosas do diferente. Nesta perspectiva, podemos retomar a questão da violência simbólica (BOURDIEU, 2001), especialmente àquela impressa nas palavras e no poder que estas

possuem quando ao serem proferidas ferem e produzem uma série de sentimentos negativos naquele que é o alvo. Entretanto, dada a naturalização destas palavras por parte dos que são atingidos, torna-se complexo retirar do seio da sociedade a estigmatização em torno de tais atos.

No universo das matrizes africanas faz parte do ritualística uma simbologia, cujas marcas, ficam evidenciadas, sejam nas vestimentas ou mesmo no próprio corpo. Ao serem identificadas tais marcas pelos intolerantes, as mais diversas reações discursivas, não poupam nem as crianças. Vejamos o que nos narra C2, Yaô de 45 anos do Parque Fluminense, um bairro de Duque de Caxias.

A minha filha, tem 12 anos e precisou usar algumas contas, até para ir para a escola. Os coleguinhas dela quando viram as contas perguntaram o que era, e ela - como tem informações porque frequenta o Terreiro comigo - disse que era do santo dela. (...) foi um transtorno só para a minha filha, que foi chamada de “filha do diabo”, que ela não era de Deus. (...) minha filha ficou traumatizada e eu com revolta por viver numa sociedade em que há pais que podem fazer seus filhos futuros monstros.

Algumas práticas religiosas presentes na tradição popular têm sido sistematicamente afrontadas em nome de um jeito religioso de ser, cujas verdades são absolutizadas e tornadas “cavalos de batalhas”.

A questão da discriminação para nós da religião afeta muitas coisas. No dia de Cosme e Damião já é tradição eu dar os doces. Nesse ano quando distribuía os doces na rua a criançada se juntou rapidamente. De repente um senhor gritou com um menino e sete ou oito anos para jogar fora o pacotinho de doces que acabara de receber. O Menino relutou e ele arrancou das mãos do menino o pacote de doces e jogou no chão. Pisou em cima e gritava repreendendo senhor. Não satisfeito pegou a sua bíblia e começou ali mesmo uma pregação em nome de Jesus.

A violência que nasce em função da intolerância em determinadas situações ultrapassa o discurso que a legitima e chega às vias de fato colocando limitador na própria existência humana. Esse é o caso de um candomblecista e homossexual, membro de um terreiro no centro de Duque de Caxias. C3 assim se expressa ao falar do acontecido.

Meus filhos, foram e ainda são muito ligados ao Candomblé. O pai de meu neto sempre foi ligado ao Candomblé, teve vários problemas, já foi preso, vivia por vários lugares.

Meu neto era homossexual e praticava o Candomblé. Nunca escondeu de ninguém isso. E algumas vezes ele foi agredido por ser do Candomblé e homossexual. (...) a violência é tão grande, cruel e desumana que não deixou meu neto viver, e sei que foi isso que levou meu neto. (...) mas tem gente que não tolera, tem ódio e mata, e foi isso que fizeram com meu neto. Os assassinos dele são monstros e não aceitava essas duas coisas nele.

O uso do discurso em alguns atos de intolerância é inusitado. É o caso relatado pelo nosso colaborador C5 um técnico de Radiologia. O simples fato de seu carro ser identificado como pertencente a alguém ligado ao candomblé foi suficiente para que a prática de intolerância fosse deflagrada. Ainda que o ato tenha sido contra o veículo, a sua função era afrontar o proprietário do automóvel em sua religiosidade.

Tenho 35 anos e já sou feito no santo há 7 anos e venho percebendo que as agressões têm aumentando, mesmo com as caminhadas contra a intolerância religiosa que vem acontecendo hoje em dia. Parece que esse pessoal evangélico está se sentindo ameaçado. Para você ter uma ideia, no meu carro você vê alguns colares de contas pendurados no espelho retrovisor, e nesse dia o carro empoeirado e precisava ser lavado, quem passou escreveu coisas horrososas. Eles só não escreveram mais palavras de agressão sobre a minha religião porque não encontram mais espaço.

Ser insultado na rua ou em qualquer outro espaço público pelo fato de pertencer a uma determinada religião extrapola todo e qualquer direito à liberdade religiosa assegurado na Constituição Brasileira. O caso do C6, 48 anos, demonstra, por um lado, a que ponto chegou o nível da intolerância religiosa e por outro a “certeza” da impunidade que faz com que tais indivíduos se acham no direito de exercer tais comportamentos.

Uma vez quando uma Yaô da minha casa de candomblé que estava de kélê (resguardo), pois tinha feito santo a pouco tempo, pegou uma carona comigo do trabalho dela no Rio até Caxias na época em que eu fazia faculdade. Eu deixei meu carro no estacionamento em frente a ao Colégio Duque (onde funcionava o curso de artes) e fui com ela até o ponto de ônibus onde ela pegaria um ônibus para sua casa também em Caxias. Quando estávamos descendo a rua em direção ao calçadão de Caxias, um grupo de pessoas que estavam na sorveteria bem perto da esquina do colégio começaram a gritar que ela estava com o diabo e que só Jesus poderia livrá-la daquilo etc. Eles gritavam sem parar e alto. Confesso que fiquei sem graça e com uma certa vergonha, não da Yaô, mas sim pela situação, pelo desrespeito. Tive vontade de xingá-los, mas se eu fizesse isso chegaria ao patamar baixo daquelas pessoas e me igualaria a elas, simplesmente peguei no braço da Yaô abaixamos a cabeça e seguimos nosso caminho. Sinceramente não quero que me tolerem, eu quero que me respeitem.

Essa última narrativa aqui apresentada demonstra a necessidade de uma ação política coordenada na perspectiva de superação de um discurso religioso perpassado pela intolerância, o que afronta a dignidade humana. A rua é pública, o transporte é público e enquanto tais são caracterizados como espaços de convivência com a diversidade em todos os sentidos e dimensões da existência humana. O ocorrido com C7 nos faz refletir sobre até que ponto a intolerância vai ser tolerada em nosso país. C7, 53 anos narra o seguinte:

Jesus te ama – eu estava com minhas guias no pescoço e meu oja na cabeça. – então eu lhe disse – Oxalá nos ama a todos – ele ficou indignado e iniciou um discurso religioso, uma verdadeira pregação em nome de Jesus para que eu um dia pudesse conhecer a Jesus e o aceitasse em meu coração, na minha vida. Fiquei surpresa com a atitude das outras pessoas no ônibus. Um cinco pessoas se juntaram a ele para orar pela minha vida. Ao tentar argumentar que o ônibus não era um templo da igreja deles. O trocador, mostrando uma bíblia dizia que o nome de Jesus devia ser pregado a todos os povos, em todas as nações, em todos os lugares em todos os tempos. Diante do clima de animosidade que se formou, desci do ônibus antes do meu ponto de destino. Ao sair ouvia as pessoas dizerem quase que gritando – repreende, Senhor.

Após uma pequena reflexão sobre o uso dos discursos, sejam escritos ou falados como instrumentos de negação de direitos e formas de aviltamento da dignidade humana, cabe considerar: primeiro, a palavra não foi feita para criar divisões entre povos, pessoas, ou grupos sociais; o objetivo da palavra é ajudar os povos se entenderem. O seu emprego como forma de legitimar violência tem levado várias nações a guerras sem precedentes. Segundo, o mundo é plural, as culturas são diversas e consequentemente, diversas são as religiões e as formas preconceituosas e intolerantes não passa de demonstrações de pequenez e mesquinhas no desejo de fazer valer apenas a sua verdade em detrimento das verdades dos outros. Por fim, a construção da paz no mundo recobra de cada um de nós atitudes pacificadoras, relações pacificadoras e vivências pacificadoras. Esses são os “bem-aventurados” anunciados no discurso de Jesus no Sermão da Montanha.

4. Considerações finais

Os estudos sobre intolerância religiosa, especialmente os que se referem aos discursos de ódio proferidos em relação aos membros de matrizes africanas, nos últimos tempos intensificaram-se. Este fenômeno está atrelado, num primeiro momento ao aspecto doutrinário contido nas palavras de alguns líderes religiosos que são abertamente contrários às práticas das matrizes africanas. Tais discursos, arraigados de interpretações unilaterais, que incitam preconceitos, são, de fato um dos problemas que precisam ser discutidos em vários âmbitos: acadêmicos, políticos e ideológicos.

Ao observarmos as narrativas dos entrevistados notamos, nitidamente, aspectos de violência simbólica, preconceitos e insultos. Longe de uma retórica panfletária, propomos neste breve trabalho, trazer alguns instrumentos teóricos para analisar discursos cujo foco foi a questão da

intolerância religiosa. A questão da violência simbólica, teoricamente proposta por Bourdieu, está inscrita nas narrativas em relação aos xingamentos sofridos em vias públicas por estar com trajes ou alguma simbologia da religião de matrizes africanas (ver a narrativa de C2). Outra forma de intolerância está no ato de que alguns membros de outras religiões são incisivos ao quererem impor “sua verdade” ao chamado “povo de santo”, o que nos remete às análises do discurso proposto por Fiori, Foucault, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault, por Sérgio P. Rouanet e J. G. Merquior. In: FOUCAULT, M.; ROUANET, S. P.; MERQUIOR, J. G.; LECOURT, D.; ESCOBAR, C. H. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Rosane Cristina de; GONÇALVES, Cleonilda Ribeiro. Violência e cotidiano escolar: um estudo sobre a percepção da violência pelos discentes. *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n. 2, maio 2015. Disponível em: <http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2015/05/Revista-Simonsen_N2-Rosane%20Cristina%20de%20Oliveira_Pedagogia.pdf>.

ORLANDI, Eni P. *A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. [s./d.]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>>.

PÊCHEUX, M. *Ouverture*. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1975.